

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

ANÁLISE DA ELEGIA 3.3 DE JOANNES SECUNDUS

Francisco de Assis Florêncio (UERJ)

INTRODUÇÃO

A elegia a ser analisada faz parte do *Liber Elegiarum* ou *Amores*, composto por *Joannes Secundus*. A obra em estudo merece destaque por ter sido aquela que veio a revelar o vate holandês como um verdadeiro poeta do amor. O primeiro livro, *Julia Monobiblos*, homenageia a primeira musa do poeta, a qual, ao escolher outro homem para marido, enterra as esperanças do poeta. No segundo livro, Júlia é substituída por Lídia e Venerila, o seu tom é um pouco mais leve que o primeiro e a figura de Ovídio se destaca mais que a de Propércio. O terceiro livro é bem menos interessante que os outros dois e é, principalmente, uma coleção de epístolas em versos elegíacos. A escolha do poema a ser estudado se deve ao fato de nele aparecerem três dos quatro mais célebres elegíacos romanos. Não se sabe, porém, o porquê da ausência de Ovídio e sua amada, Corina, na relação apresentada pelo poema.

LIBER TERTIUS – ELEGIAE 3.3 IN LIBELLOS CATULLI, TIBULLI, ET PROPERTII

Intemerata vides linguae monumenta Latinae
Delicias dominae, lautitiasque togae.
Scilicet hic omne est, colles audire Quirini
Molle vel argutum quod potuere prius.
Hic et Pompeia spatiaris serus in umbra, 5
Subque tuos oculos multa puella venit,
Laxa comam, religata comam, distincta capillum,
Culta, nigris oculis, crine decora nigro.
Inter quas prima procedit Lésbia pompa;
Passeris interitu nunc quoque moesta sui. 10
Totque tibi blando promittit basia vultu,
Lenis amatori quot dedit ante suo.
Proxima progreditur lascivo Delia passu,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Felicem Nemesis quam prope radit humum.
Fortunatae ambae, quarum sacra fama virebit, 15
Pectora dum vatum parvus aduret Amor.
Cyntia deinde potens oculis, iaculantibus ignem,
Subsequitur Coa mobilis in tunica.
Haec domuit fortem, tactumque Cupidine nullo,
Et fastus spoliū celsa tuentis habet. 20
Tu quoque, qui cernis, cave ne laedaris ab illa,
Spirat adhuc flammās, et sua tela gerit.

TRADUÇÃO

AOS LIVRINHOS DE CATULO, TIBULO E PROPÉRCIO

Vês os monumentos da língua latina, prazeres da senhora e elegância da toga. Sem dúvida eis aqui tudo que as colinas de Quirino ouviram docemente ou a melodia que elas outrora posuíram. Aqui tu passeias, à noite, pelas sombras de Pompeu diante de teus olhos aparece uma grande quantidade de mulheres: com os cabelos soltos, com os cabelos amarrados, com os cabelos repartidos, cultas, com os olhos negros, com uma bela cabeleira negra. Entre elas, Lésbia é a primeira a aparecer no cortejo. Até agora ela está triste por causa da morte de seu pardal. E, com uma meiga face, promete-te tantos beijos quantos, outrora, deu docemente ao seu amante. A próxima a avançar, com um passo lascivo, é Delia; próxima a ela, Nêmesis ilumina a fértil terra. Ambas são afortunadas, (pois) a divina fama delas florescerá, enquanto o pequenino Amor incendeia o coração dos poetas. Em seguida, com os poderosos olhos que lançam fogo, vem Cíntia, a se mover em sua túnica de Côa. Ela domou o corajoso, o qual, ainda não foi tocado por Cupido, e, orgulhosa, segura o espólio próprio de quem tem os olhos altivos. Tu também que olhas, cuida pra que não sejas atacado por ela, ela ainda vomita chamas e maneja suas armas.

COMENTÁRIOS

O poeta inicia o poema chamando os *monumenta* dos poetas romanos de *intemerata*. Este adjetivo, que, no sentido sexual significa “castos”, “invioláveis” e no artístico, “puro”, reflete bem as preocupações do autor em apresentar as obras

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

dos clássicos como um perfeito exemplo de estilo e pureza de linguagem. No que se refere especificamente a *monumenta*, há uma clara alusão ao poeta Horácio: “Exegi monumentum aere perennius”, Ode 3.30.1.

Embora louve o legado da língua latina no primeiro verso, o vate holandês, segunda estrofe, faz uso de uma palavra não sancionada pelos clássicos, *lautitias*.

Encontramos, no quinto verso, uma clara alusão ao poeta Propércio: “tu neque Pompeia spatiabere cultus in umbra...” Eleg. 4.8.75. A presença do topônimo *Pompeia* ou “Pórtico de Pompeu”, que é um lugar-comum entre os poetas romanos, deve-se ao fato de ter sido este um lugar bastante utilizado pelos amantes para encontros furtivos durante os passeios noturnos.

Vale apenas destacar o emprego da sinonímia nos versos sete e oito. Para designar “cabelo”, o poeta faz uso de três sinônimos: *coma*, *capillus* e *crinis*. O primeiro, derivado do grego κομη, designa “os cabelos longos”, “compridos”, sendo, por isso, normalmente traduzido por “cabeleira”; o segundo, que é o diminutivo de *caput*, serve para designar o pêlo que cobre a cabeça, traduzido, portanto, como “cabelo”; o terceiro vocábulo, derivado de *crescere*, está mais ligado à extensão do cabelo, ao seu comprimento, sendo também traduzido por “cabeleira”.

Ainda nesses dois versos, percebe-se claramente a presença da aliteração, que é conseguida graças à repetição dos fonemas /K/ e /GU/. O autor parece querer, com este recurso poético, chamar a atenção para a variedade de cabelos e penteados ali presentes.

O primeiro poeta a aparecer, representado pela sua musa Lésbia, é Catulo. Embora o relacionamento dos dois tenha passado por três fases: a primeira de uma ardente paixão; a segunda de sofrimento, ao perceber que sua amada dividia o seu amor com outros homens; e, por fim, a terceira, onde ele passa

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

a dirigir inúmeros insultos à ex-amada, neste poema, porém, Joannes só nos traz à lembrança dois *carmina* que nos reportam à segunda fase do relacionamento: o Carmen III, que canta a tristeza de Lésbia após a morte de seu animal de estimação, um pardal; ao falar da quantidade infinita de beijos, *Secundus* traz à tona o poema V, que trata da quantidade hiperbólica de beijos trocados entre Catulo e sua amada.

A segunda diva a aparecer é Delia, que, apesar de venal e insensível, é amada e cantada no primeiro livro de elegias do poeta Tibulo; a terceira, celebrada no segundo livro do poeta bucólico, era uma refinada cortesã.

No décimo sexto verso aparece o deus responsável pelo surgimento da poesia amorosa latina: *Amor*.

No décimo sétimo verso, encontramos Cíntia, musa do poeta Propércio.

As palavras do poeta Propércio ecoam do décimo oitavo ao vigésimo verso: “*Quid iuvat ornato procedere, vita, capillo/ et tenuis Coa veste movere sinus,...*” (Eleg. 1.2.2) e “*Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis,/ contactum nullis ante cupidinibus./tum mihi constantis deiecit lumina fastus.*” (Eleg. 1.1.1).

Ao descrever a amada usando vestes com o tecido oriundo de Cós, ilha localizada no Mar Egeu, o poeta cidadão coloca no poema uma pitada de erotismo, já que esse tecido era transparente e deixava à mostra os dotes físicos da musa.

Cíntia é tão sedutora e dissimulada que o vate, à Machado de Assis, adverte o leitor para o perigo de se deixar seduzir pelas armas dela. O vocábulo latino empregado para designar a palavra armas é *tela* (armas de ataque) e não *arma* (armas de defesa, daí “armadura”). Isso se deve ao fato de a *puella* de Propércio estar na posição ofensiva, pronta para atacar a qualquer incauto que esteja a admirá-la.

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

Este curto poema é uma expressão direta do quanto Joannes Secundus apreciava a poesia amorosa latina. É interessante notar a ausência de Ovídio e sua amada, Corina, na lista de poetas e suas musas. Acaso o poeta pensava que Ovídio carecia da paixão romântica dos outros três poetas?

BIBLIOGRAFIA

CATULLUS. *The poems of Gaius Valerius Catullus*. Translated by F. W. Cornish. London, Loeb Classical Library, 1995.

HORACE. *Oeuvres complètes*. Texte établi, traduit, préface et annoté par François Richard. Paris: Librairie Garnier Frères, 1950.

JOANNES SECUNDUS. *The Latin Love Elegy in the Renaissance*. Translated by Clifford Endres. Connecticut: Archon Book, 1981.

LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A latin dictionary*. London: Oxford University Press, 1996.

OVID. *Metamorphoses*. Translated by Frank Justus Miller. London: Loeb Classical Library, 1994.

PROPERTIUS. *Elegies*. Edited and translated by G. P. Goold. London: Loeb Classical Library, 1990.

TIBULLUS. *Elegies*. Edited and translated by G. P. Goold. London: Loeb Classical Library, 1995